

Análise de documentos/fontes

Analisar um quadro



26x25 cm, coleção Zundel, Kunsthalle (Galeria de Arte Moderna), Tübingen

Richard Hamilton, *Mas o que é que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?*, colagem sobre papel, 1956.

Regras de análise

- Identificar o quadro:
 - Título/Tema (religioso, mitológico, histórico, retrato, “cena de género”, paisagem, natureza-morta);
 - Técnica (pintura, gravura, serigrafia, colagem, *assemblage*⁽¹⁾ ...);
 - Suporte (papiro, pergaminho, papel, madeira, tela ...);
 - Dimensões;
 - Data; local de produção;
 - Autor/Comanditário;
 - Local de exposição.
- Identificar o contexto histórico em que o quadro foi produzido.
- Discriminar os elementos representados (figurativos e/ou abstratos) e as suas inter-relações:
 - Conteúdo (personagens; objetos; outros elementos);
 - Forma (planos; linhas estruturantes; perspetiva; geometrização; simetria; proporção; existência ou não de desenho prévio; predomínio da linha ou da cor; cores dominantes – quentes ou frias; zonas de luz e sombra; tipo de pincelada; objetos/materiais inseridos).
- Interpretar/Descodificar o quadro:
 - Sentido simbólico; relação entre a obra e o contexto histórico; intenção do autor e/ou comanditário;
 - Corrente artística.

(1) Quadro em relevo, cuja composição inclui objetos do dia a dia.

Questões

1. Identifique a obra apresentada.
2. Descreva o quadro.
3. Que contexto civilizacional é reproduzido no quadro? Que sentimentos parece transmitir o autor?
4. Por que se filia o quadro na corrente artística da *pop art*?

Comentário

1. A obra é um quadro intitulado *Mas o que é que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?*, que data de 1956, e retrata o interior de uma casa (americana) moderna. Trata-se de um tema absolutamente banal, com pormenores anedóticos do quotidiano, o que faz a obra aproximar-se da chamada pintura de género de séculos precedentes.

De pequenas dimensões (26x25 cm), o quadro foi elaborado pelo artista britânico Richard Hamilton com diversas colagens de revistas publicitárias. Encontra-se na *Galeria de Arte Moderna (Kunsthalle)* da cidade alemã de Tübingen, fazendo parte da coleção doada por um particular.

Quanto ao autor, Richard Hamilton nasceu em 1922, tendo construído uma sólida carreira artística como pintor, *designer* e professor em prestigiadas escolas de Arte, de que se destaca o *Royal College* de Londres. Em início dos anos 50, integrou o chamado “Independent Group”, que promoveu uma série de debates, alguns deles relacionados com a nova cultura urbana dos EUA. Em 1956, o “Independent Group” organizou uma exposição multidisciplinar na *Galeria de Arte de Whitechapel*, em Londres, com o título de “This is Tomorrow”. Foi para servir de modelo ao cartaz desta exposição que Richard Hamilton concebeu a colagem apresentada.

2. Num cenário tridimensional obtido pela sobreposição de colagens, o quadro apresenta-nos a sala de estar, repleta de adereços, de uma moderna casa americana dos anos 50. Nela sobressaem:
 - o homem atlético, saído de uma revista de culturismo, brandindo, como se fosse uma raquete de ténis, um chupa-chupa gigante com a inscrição “pop”;
 - a *pin-up* (jovem sexualmente atrativa então utilizada em cartazes publicitários) despida, com lantejoulas nos seios e um *abat-jour* na cabeça;
 - o aspirador com que uma senhora, à esquerda, limpa as escadas;
 - o televisor, ao fundo, e o gravador de bobinas, no chão, em primeiro plano;
 - a lata de presunto em cima de uma mesa;

- o jornal pousado num *maple* vermelho;
- o candeeiro de pé cujo *abat-jour* ostenta o emblema da *Ford*;
- o retrato – de um antepassado? – e o cartaz de banda desenhada afixado na parede;
- a grande janela, da qual se avista, na rua, a publicidade ao filme “The Jazz Singer”, que foi o primeiro filme sonoro;
- o teto, formado por uma secção do globo terrestre.

A composição revela-se geometrizada e perspetivada, com a tridimensionalidade acentuada pelas colagens, pela escadaria e pela janela envidraçada. As linhas verticais parecem equilibrar-se com as oblíquas do solo e da própria escada, sendo a composição rematada pela elíptica do teto.

Relativamente à paleta cromática do quadro, predominam cores neutras que têm um curioso contraponto no *poster* da parede e no vermelho do chupa-chupa, do *maple* e do vestido da figura feminina que aspira as escadas.

3. O quadro de Richard Hamilton expressa de forma magnífica a **sociedade de consumo** e a **cultura urbana de massas** que tinham o seu epicentro nos Estados Unidos da América. Depois dos amargos anos 30 e da austeridade e sacrifícios que acompanharam a 2.^a Guerra Mundial, os Estados Unidos viviam nos anos 50 uma época de abundância sem par, que ficou conhecida na História pela expressão de “Trinta Gloriosos”. O desenvolvimento tecnológico, nomeadamente na área da eletrónica, provocou, então, avultadas modificações na produção industrial, prodigalizando uma panóplia de bens de consumo jamais imaginados. A América era vista como um autêntico *Eldorado*, onde se passeavam grandes e robustos automóveis e os lares mostravam amplas cozinhas com magníficos frigoríficos. A indústria do *fast-food* e os enlatados aligeiravam as tarefas domésticas, tal como as máquinas de lavar e os aspiradores.

As famílias divertiam-se com a televisão – já a cores – e com os ritmos da música ligeira – entre eles o recém-nascido *rock and roll* – que os rádios, gira-discos e gravadores transmitiam. O cinema oferecia uma explosão de som e cor.

A banda desenhada fazia sucesso na família-tipo americana. A publicidade, mais insistente e atrativa, socorria-se dos catálogos. Artistas do cinema e da música povoavam o imaginário de adultos e adolescentes, exibindo rostos belos e corpos perfeitos.

Os *mass media* ocupavam, na verdade, um lugar cada vez mais determinante na vida americana, que só parecia ganhar sentido com o (sobre)consumo dos bens, fossem eles de primeira necessidade ou, simplesmente, de lazer.

É sobre este universo estereotipado da sociedade de consumo americana e da proliferação dos *media* que o quadro de Richard Hamilton se debruça. Há, sem dúvida, fascínio por estes símbolos de riqueza e de abundância da América: o automóvel, os eletrodomésticos, o cinema, a televisão, os próprios corpos bem cuidados. Mas existe, igualmente, um olhar irónico que, com humor e inteligência, questiona a originalidade das casas modernas, que mais parecem prateleiras de supermercado.

4. O quadro *Mas o que é que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?* é a obra que dá início à corrente da *pop art* na Grã-Bretanha. Para além do valor simbólico que representa a inscrição da palavra “pop” no chupa-chupa do culturista, podemos considerar o quadro um exemplar da *pop art* pelos seguintes motivos:

- 1.º Insere, num registo de tipo publicitário, objetos/produtos da *sociedade de consumo*, que vão da comida aos eletrodomésticos e apetrechos eletrónicos, passando pelo próprio corpo das personagens que se oferece, perfeito e belo, como um produto.
- 2.º Alude, cuidada e exaustivamente, aos *mass media* e à cultura urbana de massas: o *cinema* está presente no cartaz que anuncia “The Jazz Singer”; a música ligeira parece ecoar do gravador; a *imprensa* é representada pelo jornal e pela banda desenhada; a *televisão* parece cumprir o seu papel de divertir e informar.
- 3.º Faz do trivial quotidiano um assunto merecedor de tratamento artístico.
- 4.º Expressa e provoca a reflexão crítica sobre os hábitos consumistas.
- 5.º Recorre à técnica da *colagem*, que populariza a arte e a banaliza, como um outro qualquer produto da sociedade de consumo.